



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA**  
**CURSO DE LETRAS**

**A REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE PARA OS GÊNEROS: UMA ANÁLISE  
DOS PERSONAGENS SÍLVIA E OFICIAL-MAIOR PRESENTES NA OBRA  
*MARCORÉ***

**Isadora Barros Meira da Rocha**

**Campina Grande - PB**

**2014**

**ISADORA BARROS MEIRA DA ROCHA**

**A REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE PARA OS GÊNEROS: UMA ANÁLISE  
DOS PERSONAGENS SÍLVIA E OFICIAL-MAIOR PRESENTES NA OBRA  
*MARCORÉ***

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francisca Zuleide Duarte de Souza.

**Campina Grande - PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R672r Rocha, Isadora Barros Meira da  
A representação da sexualidade para os gêneros [manuscrito] :  
uma análise dos personagens Sílvia e Oficial-maior presentes na  
obra Marcoré / Isadora Barros Meira da Rocha. - 2014.  
25 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza,  
Departamento de Letras e Artes".

1. Análise Literária 2. Sexualidade 3. Gênero 4.  
Modernismo I. Título.

21. ed. CDD 801.95

ISADORA BARROS MEIRA DA ROCHA

A REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE PARA OS GÊNEROS: UMA ANÁLISE  
DOS PERSONAGENS SÍLVIA E OFICIAL-MAIOR PRESENTES NA OBRA  
*MARCORÉ*

Data da apresentação: 10/10/2014

BANCA EXAMINADORA:

Francisca Zuleide Duarte de Souza

Prof. Dr. Francisca Zuleide Duarte de Souza - UEPB - Orientadora

Edson Tavares Costa

Prof. Dr. Edson Tavares Costa - UEPB - Avaliador

Adalberto Teixeira Rodrigues

Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues - UEPB - Avaliador

NOTA: 8,0

**A Deus, meu criador, alicerce,  
amigo e ajudador...**

**DEDICO.**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pelo dom da vida, por ter me sustentado até aqui e pela sua misericórdia e graça.

À minha mãe, Iolete, por todo o amor, apoio, compreensão, paciência, incentivo e inspiração como exemplo de mulher e profissional docente.

Ao meu pai, Soares, pelo amor, apoio e acolhida durante o percurso da Graduação.

Às minhas irmãs, Ingrid e Isabelle, pelo amor a mim dedicado, pela paciência, apoio e incentivo para percorrer a caminhada acadêmica.

À minha família materna, em especial à minha avó, Inácia (*In memorian*), pelo amor e incentivo que deixou em forma de saudade e à minha prima, Danúbia, pelo incentivo e exemplo de profissional de Letras.

À minha família paterna, especialmente meus avós, João Alves e Maridéia, pela acolhida em sua casa, principalmente na reta final do curso; e à minha tia, Lenita, pelos momentos de diversão e alegria que me motivaram a continuar.

Aos meus amigos que de perto ou de longe, apoiaram-me e estiveram pacientemente na torcida por esta conquista, sempre com bons desejos.

Aos amigos de turma que, junto a mim, trilharam esse caminho, com o apoio mútuo e a reciprocidade no ajudar, para que pudéssemos alcançar nossos objetivos. Em especial à Eduarda, Desterro, Kaligina e Ari.

À minha orientadora, Zuleide, pela paciência, ânimo, estímulo e ajuda, para juntas, construirmos este trabalho de conclusão de curso.

Aos meus professores que, durante todo o percurso da Graduação, foram responsáveis pela minha formação acadêmica e pelo acréscimo de conhecimento para me tornar uma profissional ética e dedicada.

Aos coordenadores e secretários do curso que, pacientemente, ajudaram-me nos problemas burocráticos e, por muitas vezes, escutaram-me nos momentos de estresse e tensão.

E a todos que, direta e indiretamente, contribuíram de alguma forma para esta conquista.

Obrigada!

**<< em *Marcoré*, do vento regional que sopra sobre os personagens, pode-se dizer que, à maneira do vento espanhol, é tão sutil que mata um homem e não apaga um candil. Mas sopra. Acaricia. Mata.>>**

**(Gilberto Freyre)**

**A REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE PARA OS GÊNEROS: UMA ANÁLISE  
DOS PERSONAGENS SÍLVIA E OFICIAL-MAIOR PRESENTES NA OBRA  
*MARCORÉ***

**Isadora Barros Meira da ROCHA<sup>1</sup>**

**Resumo:** Antonio Olavo Pereira, nascido na cidade de Batatais, no interior de São Paulo, em 1913, tem como principal obra *Marcoré*, publicada em 1957 e vencedora do prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras. Considerada como uma das grandes obras da moderna literatura brasileira de cunho psicológico retrata o dia a dia de uma pequena cidade do interior de São Paulo. O foco da narrativa se dá através da vida pessoal do protagonista, o Oficial-maior, que trabalha no único Cartório da cidade, casado com Sílvia, que após 10 anos de casamento, engravida do primeiro e único filho, Marco Aurélio ou *Marcoré*, como chamado pela família. A partir disso, pretende-se, então, analisar a representação da sexualidade para os gêneros, através dos personagens Sílvia e Oficial-maior na obra *Marcoré*, com intuito de compreender a sexualidade; identificar os papéis dos gêneros na época em que passou a trama; e elaborar um paralelo entre os estudos examinados sobre gênero e sexualidade e a obra analisada, com base nos estudos de Foucault (1995; 1998), Freud (1996; 1997), Simone de Beauvoir (1980) e Rocha (2009), identificando os papéis ditados pela sociedade e assumidos pelo homem e mulher da época em que a história foi narrada.

**Palavras-chave:** Modernismo. Gênero. Sexualidade. *Marcoré*. Antonio Olavo Pereira.

**Abstract:** Antonio Olavo Pereira, born in Batatais, São Paulo State, in 1913, its main work *Marcoré*, published in 1957 and winner of the Coelho Neto of the Brazilian Academy of letters. Regarded as one of the great works of modern Brazilian literature of psychological nature, portrays the everyday life of a small town in the interior of São Paulo, where the focus of the narrative through the personal life of the protagonist, the Staff Officer who works at the single Registry of the city, married to Silvia, who after 10 years of marriage, impregnates the first and only son, Marcus Aurelius or *Marcoré* as called by the family. From this, it is intended, then analyze the representation of sexuality by genres, through the characters and the Staff Officer Silvia work *Marcoré*, in order to understand sexuality; identify the roles of genres at the time he passed the plot; and establish a parallel between the studies examined about gender and sexuality and the work analyzed, based on studies of Foucault (1995; 1998), Freud (1996; 1997), Simone de Beauvoir (1980) and the rock (2009), identifying the roles dictated by society and assumed by the man and woman at the time when the story was narrated.

**Key-words:** Modernism. Gender. Sexuality. *Marcoré*. Antonio Olavo Pereira.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



## INTRODUÇÃO

Antonio Olavo Pereira, nascido em 1913, na cidade de Batatais, no interior de São Paulo, aos 14 anos de idade mudou-se para a capital paulista. Influenciado pela escrita de José Lins do Rêgo e Graciliano Ramos, ditos como seus dois pais literários, apresentou seus primeiros escritos na revista "O Malho" e depois escreveu a sua primeira novela "Contramão", vencedora do prêmio Fábio Prado, em 1949, e elogiada pelos críticos da época. A obra mais famosa do autor é *Marcoré*, publicada em 1957 e vencedora do prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras.

*Marcoré*, considerada como uma das grandes obras da moderna literatura brasileira de cunho psicológico, retrata o dia a dia de uma pequena cidade do interior de São Paulo, cujo foco da narrativa se dá através da vida pessoal do protagonista, o Oficial-maior, que trabalha no único Cartório da cidade, casado com Sílvia, que após 10 anos de casamento, engravida do primeiro e único filho, Marco Aurélio ou *Marcoré*, como chamado pela família.

A partir disso, pretende-se, então, analisar a representação da sexualidade pelos gêneros, através dos personagens Sílvia e Oficial-maior, na obra *Marcoré*. Especificamente, com intuito de compreender a sexualidade pela perspectiva de Foucault e Freud; identificar os papéis dos gêneros na época em que passou a trama; e elaborar um paralelo entre os estudos examinados sobre gênero e sexualidade e a obra analisada.

Tendo em vista a falta de estudos sobre a obra de Antonio Olavo Pereira, percebeu-se a necessidade de uma análise a respeito desta, como forma de acrescentar conhecimento científico e literário ao âmbito acadêmico e, principalmente, destacar e fazer-se conhecer a relevância dos escritos de Antonio Olavo Pereira para a literatura brasileira, de maneira a incentivar o uso deste autor para futuros trabalhos, tendo em vista o rico papel que suas obras desempenham ao apresentar de forma literária a realidade histórica e social do Brasil.

Para tal, utilizou-se a metodologia teórica, a partir de pesquisa bibliográfica, com base nos estudos de Foucault (1995 e 1998), sobre gênero e sexualidade, Freud (1996 e 1997) e Beauvoir (1980), abordando a temática da sexualidade, Rocha (2009), sobre gênero e Brito (1997), localizando a obra analisada a partir dos estudos literários sobre Modernismo.

Dessa forma, este artigo foi dividido da seguinte maneira: o primeiro tópico constituiu-se de uma breve apresentação do autor e obra; o segundo localiza a obra central deste trabalho

de acordo com a escola literária a que pertence; o terceiro ponto aborda a questão do gênero feminino e masculino e seus papéis sociais; em seguida, é tratado o tema sexualidade e sua compreensão social e psicanalítica; no quinto tópico é desenvolvida a análise do livro *Marcoré*, baseada na perspectiva teórica abordada. Por fim, conclui-se este trabalho de modo a apresentar ao âmbito acadêmico a importância dos escritos de Antonio Olavo Pereira através da obra *Marcoré*, de modo a acrescentar conhecimento e uma melhor compreensão a respeito dos estudos em torno desta e da temática abordada a partir da mesma.

## **1. O AUTOR E SUA OBRA**

Paulista da cidade de Batatais, no interior, Antonio Olavo Pereira, nasceu em 5 de fevereiro de 1913, quinto filho dos nove advindos da união do seu pai, José Olympio Pereira, e sua mãe, Rita de Oliveira. Aos 14 anos, foi transferido para a capital paulista para dar continuidade aos seus estudos, no Colégio Rio Branco e no Ginásio do Estado. Neste último conheceu professores que influenciaram na sua sólida formação humanística. Na biblioteca do Ginásio do Estado, Antonio Olavo conheceu a obra de Machado de Assis, que tornou escritor de sua devoção.

Seu irmão mais velho, José Olympio Pereira Filho, iniciou sua vida profissional como livreiro e alguns anos depois fundou a casa editorial brasileira “Livraria José Olympio Editora”, sendo assim, o maior editor dos modernistas brasileiros. Antonio Olavo Pereira chegou a trabalhar na Biblioteca de São Paulo e, logo depois, fez sociedade com o irmão, na direção do departamento editorial da Livraria.

Antonio Olavo dizia que seus dois pais literários eram Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo. Seu primeiro escrito deu-se para a revista "O Malho", do Rio de Janeiro, aos 20 anos de idade, influenciado pela escrita despojada de José Lins do Rêgo. Em 1950, estreou em livro com a novela "Contramão", recebendo elogios do grande Carlos Drummond de Andrade, e a qual é possível encontrar resíduos da obra “Angústia” de Graciliano Ramos. Vencedora do prêmio Fábio Prado do ano de 1949, a qual recebeu apreciações críticas pelos maiores escritores da época, como Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Agrippino Grieco, Geraldo Ferraz.

Olavo foi retratado por um de seus mestres, o escritor Graciliano Ramos, em uma crônica publicada depois do seu falecimento em um livro de crônicas intitulado “Linhas tortas”:

Antonio Olavo Pereira. Homem curioso. Num tempo em que era moda escrever mal e depressa, compunha bem e examinava atento a sua personalidade miúda. Procurei ver o literato desconhecido. Apareceu-me um tipo novo, alto, magro, ligeiramente curvo, a tossir. Andava para as bandas de Campos do Jordão, meio tuberculoso. Também me achava assim, com hemoptises obtidas na cadeia. Isto nos aproximou. Felicitei o rapaz. (RAMOS, 2005)

O romance *Marcoré*, a obra mais famosa de Olavo, que ganhou prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras, foi publicada em 1957. Pode-se encontrar uma narrativa em primeira pessoa, com um vocabulário rico e diverso, e grande quantidade de personagens que tinham vidas medíocres. A intensidade com que são retratados os dramas de uma família, numa pequena cidade do interior, contribuiu para que Antonio Olavo se tornasse um dos escritores de grande importância da prosa psicológica da literatura brasileira pós-1945. Na percepção de Massaud Moisés sobre *Marcoré*:

[...] transparente na linguagem e denso nos pormenores psicológicos, dir-se-ia de um Machado de Assis que se dispusesse a descrever, com melancolia, mas sem ceticismo, sem nenhum sentimento de revolta ou inconformidade, o ramerrão pachorrento duma típica família do interior de São Paulo. (CORRÊA *apud* PEREIRA, 2013. p. 11).

Em 1965, oito anos depois, Antonio Olavo publicou *Fio de Prumo*, uma obra com linguagem intimista. Seu último trabalho foi a novela infantil *Uma Certa Borboleta Azul*, editada por seu sobrinho Geraldo Jordão Pereira e publicada pela editora Salamandra. Faleceu em 15 de Novembro de 1993, na cidade de São Paulo, quando preparava uma nova obra para o público jovem, a quem se dedicava a escrever nos últimos anos de vida.

## 2. O MODERNISMO BRASILEIRO E SUA INFLUÊNCIA EM *MARCORÉ*

Movimento da literatura brasileira surgido em 1922, o modernismo se estendeu até a década de 60; dividido em três fases principais. Este estilo literário rompeu as regras e parâmetros da criação artística, com características diferenciais. O novo estilo da literatura

reuniu a contextualização, inclusão do cotidiano, liberdade de expressão, linguagem coloquial e novas técnicas de escrita.

Assim, o cenário burguês sai de cena e passa-se a valorizar o cotidiano, a realidade diária das camadas sociais mais populares. A linguagem formal dá lugar à espontaneidade, uma aproximação cada vez maior com a linguagem falada. Os versos aparecem livres, sem a "rigidez" dos sonetos e versos, com frases mais curtas, textos fragmentados e a multiplicidade de vozes.

Um dos traços marcantes do modernismo é apartar das letras a influência portuguesa, é a ruptura com as formas tradicionais e de expressão, fundadas no purismo, na gramática herdada dos descobridores. A deformação do idioma, a tentativa de sistematizar a fala brasileira numa língua própria, o desejo de tornar válida a dicção nacional, decorrem também de motivos políticos e sociais e não apenas de razões estéticas ou de mera doutrina literária. (ARANHA, 1925 *apud* BRITO, 1997, p. 136).

A primeira geração do modernismo ocorreu do ano de 1922 ao ano 1930. Marcado pela Semana de Arte Moderna, que aconteceu em São Paulo, a qual é considerada ponto de partida desse movimento literário. Esta fase foi marcada pela radicalidade e forte oposição ao passadismo. Seus principais autores são Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Anita Mafalhti, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Manoel Bandeira, Di Cavalcanti, Graça Aranha, Alcântara Machado, Raul Bopp e Guilherme de Almeida.

A segunda fase do modernismo, também chamada de "geração de 30", ocorreu de 1930 até o ano de 1945, consolidando-se em tensões ideológicas em período de guerras. Aconteceu concomitante à Segunda Guerra Mundial e ao Estado Novo - ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945) -, em uma época de transformações e grandes mudanças na política brasileira. O pessimismo presente na sociedade gerou uma inquietação que se refletiu nas expressões literárias. A literatura passou a ser mais voltada à realidade social brasileira e sua prosa foi dividida em três vertentes: prosa regionalista (inspirada no regionalismo nordestino, mostrando problemas sociais), a prosa urbana (esta mostrava os conflitos sociais e a relação entre o indivíduo e a sociedade) e, por último, a prosa intimista (esta mostrava os conflitos íntimos dos personagens e seu mundo interior).

Caracterizada pela formação de grandes romancistas e poetas, os autores principais dessa segunda fase do modernismo brasileiro foram: José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Rachel de Queiroz, Cyro dos Anjos, Octávio de Faria, José

Geraldo Vieira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima e Murilo Mendes.

A última fase do modernismo brasileiro, conhecida como a fase da reflexão e da universalidade temática, ocorreu entre a década de 40 e a década de 60. Esta, por sua vez, é caracterizada pela forte sondagem psicológica, com o intuito de expressar o "eu" interior dos personagens.

Aprofundar-se-á a terceira geração do modernismo a seguir, tendo em vista que, a obra utilizada como base para esta análise, faz parte da última fase deste movimento.

## **2.1 A terceira geração do modernismo: o pós-modernismo**

A terceira fase do modernismo, também considerada como pós-modernismo por alguns estudiosos - que acreditam que se desenrola até a contemporaneidade -, é contextualizada historicamente a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. No Brasil, com a deposição de Getúlio Vargas e eleição de Eurico Gaspar, inicia-se o processo de redemocratização do país. De 1945 a 1947, surgem muitas companhias siderúrgicas e grandes fábricas e o operariado se desenvolve. Getúlio Vargas volta então ao poder, eleito pelo povo, em 1951, governando por mais três anos, e em 1954 suicida-se. Entre os anos de 1955 e 1960, mudanças de profundo significado ocorreram na economia brasileira, a partir da inovação no setor industrial, durante o governo de Juscelino Kubitschek. O ano de 1960 ficou marcado pela inauguração de Brasília e eleição de Jânio Quadros para a Presidência da República, que renunciou quatro meses depois, ocasionando grave crise política e militar.

Na literatura, esta fase buscou aprimorar as características da segunda geração do modernismo, principalmente o romance. Os textos literários passam a ser tratados como uma "obra de arte" e não mais como forma de denúncia da realidade social do país. Propõe-se uma originalidade literária, transmitindo a personalidade do autor. Nesta fase, se propôs uma significação universal da literatura, numa tentativa de mudança das limitações locais, regionais, nacionais e circunstanciais e, ao mesmo tempo, de retomada de alguns traços das gerações anteriores.

Na terceira fase ocorre também a continuidade das três vertentes surgidas na geração de 30, são elas: a prosa urbana, prosa intimista e prosa regionalista. Um dos autores

pertencentes à tendência da prosa intimista é Antonio Olavo Pereira, autor da obra central desta análise, *Marcoré*.

Lançada originalmente em 1957, nesta obra, o autor faz uso de uma linguagem não linear para apresentar um cunho psicológico. A narrativa de Antonio Olavo apresenta uma das principais características da terceira fase do modernismo, o regionalismo universal, ao se passar na região Sudeste do Brasil - interior de São Paulo -, mas, ao mesmo tempo, expõe fortes características regionais, diferentes da realidade da metrópole, retratando, assim, as antigas gerações brasileiras.

Utilizando uma linguagem sucinta, o autor cria personagens que demonstram a realidade da vida familiar do Brasil. Ao apresentar o cotidiano de uma pequena cidade no interior de São Paulo, em que a centralidade da narrativa se desdobra na vida pessoal do oficial-maior, Antonio Olavo desenrola a história a partir das reflexões e preocupações deste que é constituído, dessa maneira, como narrador-personagem da trama, ao contar os fatos do próprio cotidiano, assim como, suas memórias e indagações, apresentando o universo ao seu redor, a partir do dia-a-dia da sua família e do seu "universo interior", consolidando a característica intimista da sua prosa.

Ao utilizar o relato em primeira pessoa para construir o olhar do Outro sobre sua narrativa, considera-se uma grande façanha psicológica e técnica.

### **3. O GÊNERO E SEUS PAPEIS SOCIAIS**

O gênero, em sua conceituação, refere-se ao dado social composto por regras e padrões de construção corporal e comportamental, as quais configuram a identidade social das pessoas a partir do fundamento físico-biológico, de que resultam identificações como "masculino" e "feminino", bem como, na contemporaneidade, as múltiplas variantes como androginia, transexualidade, efeminação, masculinização e travestismo, por exemplo.

A definição de gênero, masculino e feminino, nada teve de neutro na construção do funcionamento das sociedades humanas. O gênero foi fundamental no exercício do poder, que resultou na dominação do sexo masculino e subordinação do sexo feminino. (ROCHA, 2009, p. 50)

Segundo Rocha (op.cit), o sistema patriarcal estabeleceu-se a partir do conhecimento do homem quanto a sua participação na concepção humana e da sua força física. Assim, enquanto o homem assumia o papel de conquistador, a mulher passava a ser sua propriedade,

não mais sua companheira. Com maior permanência em casa, os homens passaram a controlar a sexualidade feminina, iniciando, com isso, a era do patriarcado, um regime social em que o patriarca exerce autoridade preponderante sobre suas propriedades, dentre elas, a própria mulher.

Apesar de ter um papel importante na sociedade, a mulher possuía uma representação de gênero negativa, já que sua imagem sempre foi associada à mãe, símbolo de fertilidade, fragilidade e submissão, dona de casa, dependente do marido, sendo estes papéis reduzidos e desvalorizados socialmente.

Partindo-se dessa representação negativa, o gênero feminino por muito tempo ocupou um papel de oposição ao gênero masculino, o qual, através do termo "homem", definiu a sociedade. Logo, a posição e identidade da mulher, no contexto brasileiro, foram construídas a partir dessa relação de alteridade.

Foucault (1995) acredita que uma parte da construção de identidade dessa mulher brasileira se dá constantemente no discurso, que, segundo ele, é o responsável pela construção do sujeito. Assim, a formação discursiva seria um conjunto de enunciados relacionados ao mesmo sistema de regras, historicamente determinadas. Para Foucault (op.cit), as coisas só passam a existir quando são construídas pela sociedade que as concebe através do discurso. Logo, o papel social da mulher se constitui a partir de uma construção discursiva que a desvaloriza, colocando-a sempre como inferior, subalterna ao homem.

Foucault (1995, p. 244) também afirma que o discurso pode ser entendido como manifestação de poder, que na concepção dele

Se exerce pelos efeitos da palavra, através de disparidades econômicas, por mecanismos mais ou menos complexos de controle, por sistemas de vigilância, [...], segundo regras explícitas ou não, permanentes ou modificáveis, com ou sem dispositivos materiais.

Dessa maneira, segundo a visão de Foucault, a construção discursiva da mulher é uma das formas de se exercer poder sobre ela mesma, controlando sua vida e tirando-lhe toda possibilidade de independência, seja essa no âmbito social, cultural ou econômico. Ainda que na atualidade, a visão sobre a mulher tenha sido modificada com base na desconstrução do discurso negativo a respeito desta, conquistando espaço profissional e reconhecimento em diversas áreas, ao ser vista como "deusa" ou "musa" e sua imagem frequentemente ser vinculada a uma valorização estética e apelativa sexualmente, especificamente na publicidade,

o papel da mulher passa de um discurso negativo de dependência e submissão, ao discurso, também negativo, de objeto sexual.

A relação homem vs mulher, no sistema patriarcal, foi sofrendo alterações - passou de uma fase caracterizada pela total subserviência feminina para outra, mais recente, de maior autonomia. Essa relação sempre foi caracterizada como uma complementaridade de papéis, na qual o homem ocupou a posição *up* (acima) e a mulher a posição *down* (abaixo), relacionadas ao poder e ao valor nas relações: sexual, conjugal, familiar e, principalmente, social. (ROCHA, 2009, p. 49)

Após a Segunda Guerra Mundial, o feminismo foi potencializado, ou seja, as mulheres saíram da vida privada e alcançaram direitos políticos e civis, adentrando aos serviços públicos, ao lado dos homens. Segundo Packter (ano I *apud* ROCHA, 2009, p. 167), as duas grandes guerras foram significativas, tendo em vista que, além dos avanços nas diversas áreas do saber, as mulheres tiveram as portas abertas para ocupar os postos de trabalho dos homens, enquanto estes foram lutar, já que as cidades não podiam parar. Desde então, a relação e os papéis desempenhados pelos gêneros na sociedade não permaneceram mais como antes. Todavia, essa ascensão feminina não destruiu completamente os rótulos negativos que acompanharam as mulheres ao longo da história, mas colaborou para uma nova forma de pensar, destas como capazes de desempenhar papéis sociais irmanos aos homens e da sociedade, passando a enxergar o valor social da mulher para além de "mãe" e "dona de casa", mas assumindo funções de destaque na sociedade.

#### **4. COMPREENDENDO A SEXUALIDADE A PARTIR DE FOUCAULT E FREUD**

Foucault (1988), em sua obra "A Vontade de Saber", analisa a história da sexualidade sob a perspectiva de jogos de poder e de verdade, examinando a instauração, a partir do século XIX, de uma "ciência da confissão", através da qual se estabelecem parâmetros para o "normal" e o "anormal", atribuindo uma legitimidade e não legitimidade ao campo da sexualidade, por meio de uma codificação clínica.

Desde o século XVIII, a sociedade vive uma fase de repressão sexual, em que o sexo se reduz à sua função reprodutora. Nesse caso, a sexualidade, voltada para além dessa função torna-se "amor mal", o qual é negado e reduzido pela sociedade, reprimindo a prática do sexo pelo prazer. A atividade sexual passa a ser problematizada, cada vez mais, em termos patológicos (ligados à saúde) e morais. Porém, a sociedade burguesa permite as práticas



sexuais "ilegítimas", restringindo-as a lugares onde possam dar lucros (cabarés, inferninhos, motéis), incentivando a pornografia.

Foucault denomina essa repressão sexual de "hipótese repressiva", todavia constrói uma nova hipótese para mostrar que, para que algumas explicações funcionem, não podem ser vistas como verdades absolutas. Para ele, a sexualidade é uma invenção social, tendo em vista que seu surgimento foi baseado em uma discussão sobre o sexo, com o intuito de se normatizarem as regras que serviriam ao sexo desde aquele momento da história.

Ainda na análise de Foucault, o termo sexualidade, surgido no século XIX, marcou algo diferente, não apenas uma mudança no vocabulário. Seu uso trata de outros fenômenos em diversos campos, como a formação de um grupo de regras e normas éticas, apoiadas no âmbito judicial, pedagógico, religioso, familiar e médico. Uma mudança que ultrapassa a linguística e leva o indivíduo a justificar sua conduta, seus desejos, prazeres, sonhos, fantasias, emoções e sensações.

A hipótese de Foucault é que, a partir do século XVIII, acontece uma propagação de discursos sobre sexo. Ele acredita que o próprio poder incitou essa propagação de discursos, por meio da igreja, do consultório médico, da família, da escola. Para o autor, essas instituições não tinham a intenção de reduzir ou proibir a prática sexual, mas manter o controle do indivíduo e da população, regulando o sexo, colocando-o em posição de problema de via econômica e política. A exemplo têm-se as pesquisas que indicam a taxa de natalidade do país e por região, assim como a teorização médica em torno do corpo feminino, da classificação e especificação dos atos perversos, da precocidade da sexualidade infantil, da regulação dos nascimentos, da fertilidade e esterilidade.

O autor mostra a sexualidade burguesa como modelo para todas as camadas sociais, marcada por uma intensa repressão. Assim, o dispositivo de sexualidade passa a constituir a própria individualidade do sujeito, fixando-se na configuração da família, a qual compreendia, obrigatoriamente, o afeto e o amor. Dessa maneira, intensifica-se a valorização da família, desde o século XVII, nas direções da relação "marido-mulher" e "pais-filhos". Logo, o papel da família é o de fixar a sexualidade, constituindo-se como seu suporte permanente.

No final do século XIX, o conceito de sexualidade é ampliado sob a perspectiva da Psicanálise. Segundo Foucault (1988), a psicanálise surge no debate sobre sexualidade para modificar consideravelmente o regime das inquietações e certezas.

Da direção espiritual à psicanálise, os dispositivos de aliança e de sexualidade, girando um em torno do outro, de acordo com um lento processo que tem hoje mais de três séculos, inverteram suas posições; na pastoral cristã, a lei da aliança codificava essa carne que se estava começando a descobrir e impunha-lhe, antes de mais nada, uma armação ainda jurídica; com a psicanálise, é a sexualidade que dá corpo e vida às regras da aliança, saturando-as de desejo. (FOUCAULT, 1988, p. 124)

No viés psicanalítico, a sexualidade mistura as fronteiras entre o que é considerado normal e o patológico, assim como é abstraída da classe de instinto sexual. Desse modo, a sexualidade está desvinculada da sua ligação restrita com os órgãos genitais, passando a ser considerada como uma função corporal mais ampla, tendo como objetivo principal o prazer e a reprodução como finalidade secundária.

Na visão de Freud (1996), o papel sexual existe desde o princípio da vida humana, porém ligada a outras funções vitais. Para ele, a função sexual, inicialmente, é predominantemente auto-erótica e, só ao longo do tempo, desenvolve-se, passando a se manifestar de maneira mais geral e independente no corpo, a partir das zonas erógenas, numa busca pelo prazer.

Segundo Freud (1996), o conceito da sexualidade abarca bem mais do que seu sentido popular. É reconhecido como parte da vida sexual todas as atividades dos sentimentos afetuosos que têm os impulsos sexuais primitivos como fonte, ainda que esses impulsos se tornem inibidos com relação a seu fim sexual original, ou tiveram de trocar esse fim por outro que não é mais sexual. Para ele, a ausência mental de satisfação é independente da abstinência do sexo. O ato sexual consiste, então, somente numa forma de expressar a sexualidade, mas não a própria sexualidade.

Sobre a sexualidade feminina, Freud a define como uma experiência passiva, tendendo ao masoquismo, sendo esta apenas complementar à masculina, que, por sua vez, tendia à atividade sexual e ao sadismo. Freud acredita que se tornar homem ou mulher era consequência de um processo de elaboração psíquica, em decorrência do complexo de castração e do confronto com a cultura. Assim, o desenvolvimento feminino normal pressupunha o abandono da masculinidade, ou seja, do comportamento viril e da sexualidade clitoridiana, de forma apassivadora, uma vez que a exploração sexual do clitóris era associada às doenças nervosas, à prostituição, à imoralidade e à imaturidade psíquica.

A teoria freudiana colaborou para reforçar a tradição de fixação da mulher nas funções de esposa e mãe. Freud insistiu em caracterizar a sexualidade

feminina com base na noção de privação do pênis, e esse pressuposto tem marcado as construções psicanalíticas sobre o sexo feminino ao longo desses cem anos. (ROCHA, 2009, p. 151) <sup>2</sup>

Portanto, é possível observar, a partir das análises de Foucault e Freud, sobre a temática da sexualidade, que está intimamente ligada à cultura, à educação, aos fatores psicológicos, às circunstâncias emocionais e à personalidade do indivíduo; não se limitando apenas aos órgãos genitais, mas abrangendo as zonas erógenas do corpo, os impulsos, desejos, fantasias e sonhos. Dessa maneira, a sexualidade pode ser experimentada pelo ser humano para além do ato sexual (coito) em si como fim de reprodução ou prazer, mas também nas práticas e manifestações sexuais "subjctivas" <sup>3</sup>.

## 5. ANÁLISE LITERÁRIA: A SEXUALIDADE DOS GÊNEROS EM *MARCORÉ*

O enredo é construído a partir da narrativa do Oficial-maior, narrador-personagem, que trabalha em um cartório (cujo dono é seu sogro) em uma pequena cidade do interior de São Paulo, apresentada através do cotidiano de seus habitantes, mostrando fortes características regionais, em que seus valores tradicionais orientam moralmente a vida em sociedade. Assim, é possível conhecer detalhes da vida das pessoas do cenário da história, tendo em vista que o narrador-personagem trabalha no único cartório da cidade, observando e conhecendo as minúcias sobre nascimentos, casamentos e mortes nesta. Todavia, ao retratar a vida das pessoas que fazem parte da sua rotina, o narrador passa a refletir sobre a sua própria vida e dos personagens que a compõem. Assim, o lado íntimo e pessoal do Oficial-maior se torna o drama central de reflexão da obra.

A história começa quando, de forma tardia - de acordo com os costumes da época, já que os dois estão com mais de trinta anos -, após dez anos de tentativas frustradas, sua esposa Sílvia engravida do único filho do casal, Marco Aurélio, cujo apelido - *Marcoré* - dá título ao romance. Com o nascimento do filho, os ânimos de todos os personagens envolvidos na trama são "balançados", reacendendo antigas questões. O narrador passa a se questionar sobre sua capacidade e de sua esposa de criarem uma criança, refletindo sobre o exemplo de pais que desejam ser para *Marcoré* e, principalmente, a preocupação a respeito do ambiente onde seu filho crescerá, uma vez que existia um conflito com sua sogra, tendo em vista que o Oficial-

<sup>2</sup> Os cem anos citados por Freud são referentes ao final do século XIX e século XX.

<sup>3</sup> "Subjctivas" no sentido de não se limitarem apenas ao sexo, podendo ser o prazer mental, psíquico, entre outros.

maior e Silvia moravam na casa dos pais desta, e ele tinha que lidar com a desconfiança crônica e a mania de perseguição da sua sogra.

A partir de então, inicia-se um embate, ao longo dos anos, em torno de Marco Aurélio - o único que não é "atingido" pelo reflexo dos conflitos de sua família, como se estivesse imune a tudo, "protegido" -, que nasceu para quebrar a sufocante rotina da casa de seus avós e ser motivo de alegria para a família, principalmente após a morte do seu avô, quando o Oficial-maior e sua sogra travam uma "guerra" pela autoridade dentro de casa e, também, sobre a criança, até o ápice, que seria o tenso rompimento, com a saída da matriarca da sua própria casa. Portanto, a obra apresenta muitas questões familiares, suscitando questões existenciais e psicológicas, dando o tom intimista à leitura, com características familiares, regionalistas e dos costumes de outra época.

Fiquei de repente sem ação, como que envolvido num redemoinho. Tudo desandara a girar ao meu redor, sem que eu pudesse intervir. Um cansaço pesado me fez sentar, alguém disse que era chegado o momento de agir. "Peça desculpas, e tudo se arranjará." Uma voz longínqua e imprecisa a que não dei atenção. Teria partido de Silvia ou de mim mesmo? (PEREIRA, 2013, p. 164)

A citação acima revela o caráter intimista e psicológico do narrador-personagem, apresentando seus pensamentos e indagações como forma fundamental para a construção da história. Uma das principais razões para a tempestuosa relação familiar vivida pelos personagens, e talvez a mais decisiva, foi a promessa para Nossa Senhora do Bom Parto, feita por Sílvia no momento do parto, quando sofrera por ter engravidado com idade "avançada", segundo as normas morais da época, em consequência da renúncia da prática sexual com seu marido, o Oficial-maior, na condição da sua sobrevivência e do nascimento saudável do seu filho. Segundo Beauvoir:

É precisamente o filho que, segundo a tradição, deve assegurar à mulher uma autonomia concreta que a dispense de se dedicar a qualquer outro fim. Se como esposa não é um indivíduo completo, ela se torna esse indivíduo como mãe: o filho é sua alegria e sua justificação. É por ele que ela acaba de se realizar sexual e socialmente; é, pois, por ele que a instituição do casamento assume um sentido e atinge seu objetivo. (BEAUVOIR, 1980, p. 247)

Dessa maneira, pode-se perceber que a função de Sílvia dentro do casamento foi completada a partir da sua gravidez; seu filho a justifica como mulher, e o motivo da sua realização sexual - não consistindo esta na prática sexual apenas - e social. Logo, Silvia atinge

seu objetivo ao gerar um filho, por isso compromete-se religiosamente em uma promessa, abdicando do sexo.

Em decorrência dessa promessa, o marido de Sílvia passou a se envolver sexualmente com outras mulheres, até conhecer Emiliana, para quem ele montou uma casa, gerando uma disputa pelo poder, no âmbito doméstico, entre sua esposa e sua amante, assim como entre a sogra e a própria mãe do narrador, o que causou escândalo na cidade, também pela "aversão" à igreja que o Oficial-maior deixava clara.

Naquela época, um casal sem filhos era visto como algo completamente anormal aos parâmetros impostos pela sociedade, a respeito da constituição familiar, por isso o narrador contava todos os filhos de todo conhecido que encontrava e, geralmente, eram muitos, o que dava ao homem um estigma de masculinidade. E, portanto, o casal era, com frequência, criticado pelos habitantes da cidade enquanto não tinha filho. Pode-se observar isso a seguir:

Queria dizer que me demorei, que há mais tempo me devia ter tornado pai. Para quem deixar o cartório? Precisava um continuador para a pepineira. "Por que evitara filhos durante tanto tempo?", parecera indagar. Mas não fora assim, eu não podia anunciar pelas ruas que nem eu nem Sílvia tínhamos culpa por ser o menino um retardatário. Não lhe havíamos fechado as portas, ele é que não soubera encontrá-las. (PEREIRA, 2013, p. 74)

O comportamento do narrador-personagem mostra uma conduta masculina característica de uma época em que o patriarcado prevalecia. Enquanto Sílvia enxergava a sexualidade apenas como fim reprodutor e, por isso, ao engravidar de Marco Aurélio, optou pela abdicação das relações sexuais com o marido, o Oficial-maior, tendo o sexo como forma de prazer e seu direito como homem, nesse sentido, não aceitando a abstinência condicionada, busca sua satisfação sexual através do adultério. Beauvoir (1980), afirma que a mulher só deve conhecer o prazer de uma maneira específica e não individualizada, resultando em duas consequências essenciais para seu erotismo: primeiro, é proibida de ter qualquer atividade sexual fora do casamento e, em segundo lugar, o comércio carnal torna-se uma instituição para o casal, assim, desejo e prazer são ultrapassados no sentido do desejo sexual, porém o homem transcendendo-se para o universal, como trabalhador e cidadão, pode gozar antes das núpcias e à margem da vida conjugal:

O "destino anatômico" do homem é, pois, profundamente diferente do da mulher. Não o é menos a situação moral e social. A civilização patriarcal votou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao

homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento: para ela o ato carnal, em não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra; se "cede", se "cai", suscita o desprezo; ao passo que até na censura que se inflige ao seu vencedor há admiração. (BEAUVOIR, 1980, p. 112)

Beauvoir (1980), ainda afirma que desde as civilizações primitivas até os tempos atuais, sempre se admitiu que a cama para a mulher é um "serviço", dever, que o homem agradece com presentes ou assegurando-lhe a manutenção, ou seja, o homem na posição de senhor e a mulher como sua propriedade. Assim, nessa relação, não há reciprocidade, estando o homem na posição superior e a mulher na inferior. A prova disso é a estrutura do casamento tradicional, assim como a existência das prostitutas, numa troca em que a mulher dá-se e o homem a remunera por isso e a possui. Dessa maneira, as palavras de Simone de Beauvoir retratam a essência da história da obra *Marcoré*, que, por sua vez, é um relato dos fatos da época e do meio social em que se vivia.

Embora tendo feito uma promessa que envolvia o seu marido, através da privação do sexo para com ele, Silvia só lhe contou após seis meses do nascimento do seu filho, quando o Oficial-maior estranhou as desculpas da mulher para não ter relações sexuais. Então, Sílvia "permitiu" que ele tivesse relacionamentos extraconjugais, porém, a sua aceitação se dava por medo de perder o seu marido, em uma posição subalterna a ele, apesar de sofrer em silêncio para manter seu casamento, sustentando sua promessa no apego religioso, por receio de quebrá-la e algo acontecer a seu filho. Pode-se perceber a relação entre a moralidade por trás da sexualidade e a religião.

- Nunca mais viajaremos juntos, querido. Agora você só será de outras. [...]

- Você não pensa mais em mim como seu marido, não tem mais desejo?

Sorriu com maravilhosa serenidade:

- Só penso em você como o único amor de minha vida. E como o pai de meu filho, que é o mais lindo do mundo.

A serenidade dessa confissão deixou-me diminuído em meus brios de macho desprezado, e procurei insistir:

- Não sente nada, nada?

Balançou a cabeça sorrindo:

- Já me acostumei. Durante a gravidez a gente sente uma espécie de nojo em pecar. E agora, com o nosso filhinho, meu tempo é pouco para pensar nele. (PEREIRA, 2013, p. 91)

Para Silvia, o sexo era visto como pecado, principalmente durante a gravidez, considerada sagrada. Portanto, apesar de ser definido como uma "linguagem comum a todas as criaturas", na obra

*Marcoré*, existiam aspectos morais em torno da prática sexual, a qual tinha horário específico para acontecer, à noite, quando as pessoas estão dormindo, ou seja, o sexo tendo que ser praticado "às escondidas", pois para o dia estavam reservadas todas as atividades.

"Sei do que se passou entre vocês dois, parecia dizer. Juntaram-se de noite, rolaram pela cama, e o resultado aí está." Todos fazem o mesmo, a noite existe para isso. Enquanto numa face da terra se procura encher o dia, na outra os amarelos se atacam e falam a única linguagem comum a todas as criaturas. D. Carmela não devia sorrir. Ela mesma usou essa linguagem com seu Antunes. A prova aí está na filhara de idade vária. (PEREIRA, 2013, p. 73)

Em *Marcoré*, o machismo presente, que oprime as mulheres nas disputas existentes na obra, é quem dita a última palavra, como é possível ver em relatos como o do dia do nascimento de Marco Aurélio, em que o narrador afirma:

Minha mãe estava na sala em conversa com Seu Camilo. Trazia um xale preto sobre os ombros, o rosto levemente empoado. Desgostei-me. Nunca pude compreender a disposição que às vezes a domina de se enfeitar, aplicando até mesmo ruge nas faces. Era como se se rebaixasse a um nível vulgar e suspeito, e aquilo me incomodava. Dona Ema ia mais longe: pintava a boca. Saíamos para ir ao cinema, ela adiante com Sílvia, eu e Seu Camilo mais atrás. O velho chupando o cigarro de palha, mudo, contrariado. Via-se que a extravagância da mulher o molestava. (PEREIRA, 2013, p. 78).

Esse machismo também é visto quando na discussão a respeito do sexo do bebê que Sílvia estava esperando; o avô materno da criança, Seu Camilo, decretou categoricamente que tinha que ser um menino para dar continuidade aos negócios da família (o cartório), ou seja, o papel de gênero da mulher na sociedade da época se limitava à vida doméstica, dona de casa, mãe e esposa, enquanto o homem assumia exclusivamente o papel de provedor, homem de negócios, responsável por dar sequência aos negócios da família.

Dessa maneira, em linguagem precisa, intimista e psicológica, Antonio Olavo Pereira oferece através de sua obra *Marcoré*, a possibilidade de se analisar e ter uma compreensão maior a respeito da sociedade da época, apresentando a partir da narração do personagem principal do seu romance - o Oficial-maior - o cotidiano e a estrutura familiar, construída com base nas diferenças dos papéis de gênero e das suas relações com a sexualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos a respeito das temáticas de gênero e sexualidade abordadas neste artigo, é possível perceber que, no sistema patriarcal, o homem assume o papel - considerado superior - de conquistador, sendo valorizado por sua força física que representa sua masculinidade; enquanto a mulher, em posição subalterna e inferior ao homem, é designada a cumprir a função de dona de casa e mãe, tornando-se propriedade do homem, o qual passa a ser seu senhor. Compreende-se, então, que essa representação negativa e a identidade da mulher são construídas por meio do discurso social.

Dessa maneira, segundo a perspectiva de Foucault (1988), a sexualidade como jogo de poder e verdade cria parâmetros de legitimidade para a prática sexual, codificando-a como "normal" ou "anormal". Assim, sob essa repressão sexual estabelecida socialmente, o sexo é reduzido ao objetivo apenas da função reprodutora, sendo toda forma de sexualidade voltada para o prazer, um ato de imoralidade, o "amor mal".

Todavia, e apesar dessa repressão sexual, Freud (1996) abrange o conceito de sexualidade para além do ato sexual em si, mas ligada também a fantasias, emoções, personalidade do indivíduo, fatores psicológicos, impulsos, desejos e sonhos.

Portanto, através dessa compreensão a respeito do gênero e sexualidade, é possível perceber, ao se analisar a obra *Marcoré*, que, em seu romance, Antonio Olavo Pereira apresenta a representação da sexualidade pelos gêneros, utilizando como personagens destes, o Oficial-maior no papel masculino e Silvia, sua esposa, no papel feminino, os quais retratam, a partir de sua história conjugal e familiar, a realidade da época, em que a sexualidade era vista como tabu e os papéis de gênero eram rigidamente diferenciados e restritos a funções específicas, inclusive em torno da relação do casal.



## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro, 1: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In.: \_\_\_\_\_ RAJCHMAN, John. *Foucault: a liberdade da filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. (1910). *A Psicanálise Silvestre*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas: Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago ed., 1997.

PEREIRA, Antonio Olavo. *Marcoré*. São Paulo: Arqueiro, 2013.

RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 21ª ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

ROCHA, Patrícia. *Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.